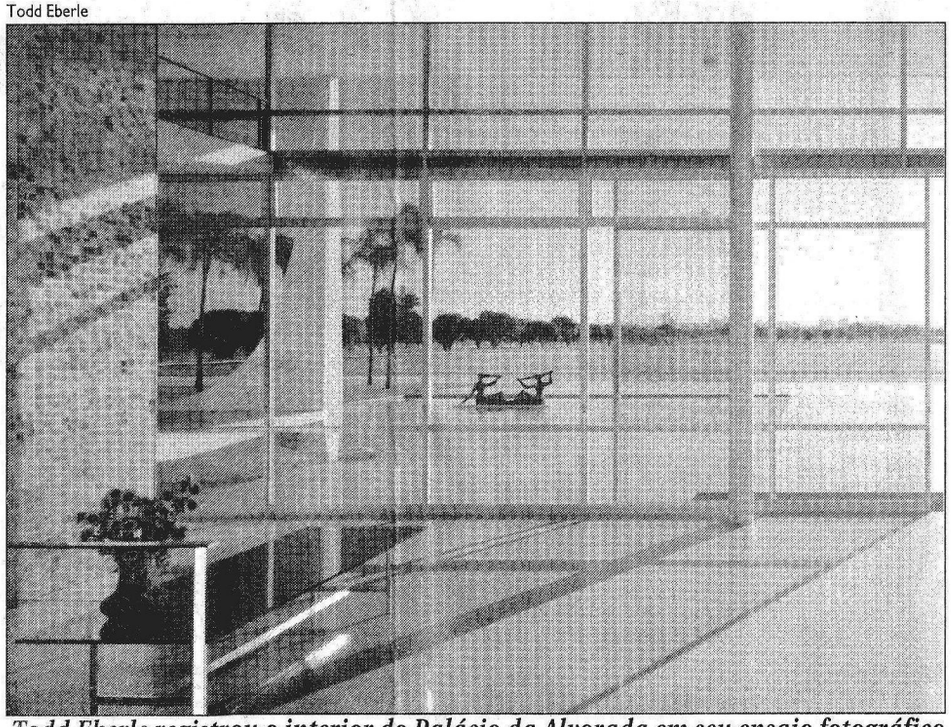
UM RETRO-ÍCONE: BRASÍLIA VISTA DE LONGE

Evandro Salles
Especial para o **Correio**

Todd Eberle



Todd Eberle registrou o interior do Palácio da Alvorada em seu ensaio fotográfico

Neste mês de março, Brasília está sendo vista em Nova York em duas de suas mais tradicionais vitrines: a galeria Robert Miller inaugurou no último dia 16 exposição dos fotógrafos Todd Eberle e Robert Polidori denominada *Two Visions Brasília*, e a revista *New Yorker* publica em três páginas algumas das fotos de Robert Polidori com um ensaio de Paul Goldberger. Esse texto, um comentário sobre o projeto modernista na arquitetura e uma tentativa de criar um lugar particular para Brasília dentro desse projeto, de uma certa maneira traduz pelo menos parte do esforço dos dois fotógrafos em criar uma imagem possível e compreensível para o mundo da estética, da cidade-monumento, da cidade-ícone que se tornou Brasília.

Como compreender um país que assassina suas crianças na rua e pulveriza sua própria riqueza, mas transforma o geométrico racionalismo europeu em monumento poético gigantesco e inigualável? Que movimento interno estranho persegue esse povo que o faz transitar entre a beleza extrema e a absoluta violência e irracionalidade?

A fotografia, que na última década foi completamente incorporada ao mundo das artes plásticas, tornando-se meio privilegiado nas grandes mostras e museus, possui a capacidade de transformar lugares reais em lugares, por assim dizer, criados pelo olhar. Longe de garantir uma fidelidade ao "real", a fotografia reinventa seu objeto de maneira muito mais radical que, por exemplo, a pintura.

Na pintura, sempre será possível dizer que se trata "apenas de uma pintura". Já na fotografia não há como negar que trata-se de algo "real", pois esta máquina impessoal possuiria uma capacidade espantosa de reproduzir com "total fidelidade" o real. Mas este suposto real pode ser apenas um seccionamento, uma parte, um estilhaçar da verdade em função do olhar e seu processo sem fim de desconstruir e construir.

É exatamente por isso que a produção de imagens através da mídia eletrônica é a mais importante indústria do mundo contemporâneo e palco de todas as disputas de poder. Mas é também exatamente por isso que a fotografia pode ser arte e não mero processo de documentação.

Toda essa introdução foi necessária porque, o que inicialmente chama a atenção na mostra desses dois fotógrafos, é a total diferença entre o olhar de um e o olhar do outro, entre a Brasília de um e a de outro. Nós, habitantes de Brasília, acomodados pelo cotidiano de transitar entre formas emblemáticas, não nos perguntamos mais o que elas significam, como elas puderam ser construídas e onde elas se colocam na história da cultura do século que agora termina. Mas para dois fotógrafos especializados em arquitetura e que visitam a cidade não no limiar de um novo século, mas no fim da era das utopias, ver Brasília é como ver a velha Grécia em funcionamento, é como tocar um mito com o próprio olhar.

E é isso que se depreende dessa exposição: esses artistas, cada um à sua maneira, buscam uma explicação para essas formas, para essa construção monumental, para esse feito enorme. Todd Eberle tenta seguir a limpidez da arquitetura, as sombras e as curvas do concreto, reconstrói os vazios entre céu e prédio, revela o lirismo seco da pedra. Robert Polidori mergulha na tragédia dessa história, revela o homem perdido nesse espaço de aventura, o contraste entre orgânico e geométrico, monumental e cotidiano, novo e velho, que coabitam na cidade construindo e destruindo.

O ensaísta da *New Yorker* inicia seu artigo dizendo que "Brasília, a futurística capital do Brasil, localizada no meio de lugar algum, transformou-se num retro ícone." E é assim que o mundo da estética, do registro histórico da produção estética, tende a olhar e colocar Brasília. Entretanto, cabe a nós, seus habitantes, definirmos se ela será cristalizada como um enorme ícone cercado pela mais dura imagem da realidade ou se as utopias que a criaram podem ainda movê-la na direção da cidadania: cidade, o lugar para as pessoas.